

Diversão & Arte



BASEADA NA INGLATERRA, A BANDA KOKOROKO MISTURA RITMOS E FAZ UMA MÚSICA QUE RETOMA A ANCESTRALIDADE AFRICANA COM TONS DE MODERNIDADE

DA DIÁSPORA AO

» PEDRO IBARRA

Uma união de almas, histórias, passados, referências e ritmos. O grupo Kokoroko pode ser classificado dessa forma. Baseado em Londres, mas com integrantes de vários países, a banda é uma expoente do jazz mundial, mas se destaca pela habilidade de mesclar o gênero com referências da música, principalmente oriundas da África. Eles lançaram, em 2022, o disco de estreia, *Could we be more*, e estão no caminho para passarem de promessas para figuras consolidadas na cena musical mundial.

Sheila Maurice-Grey, Cassie Kinoshi, Richie Seiwright, Yohan Kebe, Duane Atherley, Tom Adenaike, Onome Edgeworth, Ayo Salawu chamaram atenção em 2019, com o primeiro EP *entram para ficar de olho*, do jornal britânico *The Guardian*. A música da banda de oito integrantes pode ser simplificada como uma mistura de jazz e afrobeat, mas vai bem além. É uma série de experimentações que traçam uma

trajetória sonora de como o grupo tem se encontrado musicalmente. Ao Correio, Onome Edgeworth explica que eles se deixam levar pelo que a música quer. "Escrevíamos as canções, e viemos por meio das demos se elas nos tocam. Se sim, partíamos desse sentimento para ouvir inspirações e referências para completá-las", lembra o músico, responsável pelas percussões da banda. "As músicas deram a direção para tudo que viria", completa.

O som mostra que as referências são várias, do consolidado jazz londrino, passando por ritmos de matriz africana, do afrobeat de Fela Kuti a Bossa Nova, tem um pouco de tudo que eles amam e admiram no forjar de *Could we be more*. "No início, nós éramos mais preciosistas, achávamos que precisávamos usar um som mais sofisticado, mas fomos percebendo que nunca seríamos o Fela Kuti, não tocávamos brasileiros. Mas nós podemos usar as influências deles para ser algo novo", afirma o artista.

A banda entende que está no caminho de fazer algo com a própria cara, mas que isso é um processo. "Para achar este lugar é necessário ouvir tudo que você toca e se aventurar o mais longe possível com ela até chegar em um lugar que é provavelmente chegou, mas vamos achá-lo eventualmente", reflete Onome.

Sons diaspóricos

Imigrantes ou filhos da diáspora africana pelo mundo, os integrantes do Kokoroko têm sempre a cabeça no trabalho em Londres, mas o coração nos países que nasceram e na própria ancestralidade. "Há um senso de comunidade nas nossas vozes e batalhas, mesmo vindo de países distintos. É sobre o mundo todo. Se nós vamos trazer uma música na Inglaterra sobre o mundo todo. Quando fazemos música, temos uma boa perspectiva de olhar para o passado, pensando no futuro. "Agora nossa banda é toda negra, pessoas negras e descendentes de negros. Porém, antes tínhamos um baterista e um guitarrista brancos, que independentemente da cor de pele deles se juntavam a nós e juntos compartilávamos a vontade de fazer música africana diaspórica", conta Onome. Ele acredita que essa união pode trazer de volta coisas que parecem perdidas. "Estamos cada vez mais presentes e lutando muito por isso. Porque, para mim, essa música está se perdendo de alguma forma. Muitos gêneros fazem referência, como o caso do funk, afrobeat e highlife, mas os elementos africanos têm desaparecido", complementa. Todo o processo sem esquecer o motivo de tudo ter começado. "Um dos primeiros pontos nossos é que nós amamos a nossa cultura e a nossa música", pontua. "Preservar e continuar o que nós tentamos fazer", acrescenta. "Se houver uma forma de reconectar as pessoas com a música ou algo mais da própria história para poder manter esse legado vivo e ainda acrescentar a isso, esse é o maior presente que podemos dar para a nossa cultura", almeja o artista.

Assim nós podemos nos inspirar e escolher nosso caminho de vida", analisa. Dessa forma, a banda Kokoroko escolheu como seria o próprio caminho de olhar para o passado, pensando no futuro. "Agora nossa banda é toda negra, pessoas negras e descendentes de negros. Porém, antes tínhamos um baterista e um guitarrista brancos, que independentemente da cor de pele deles se juntavam a nós e juntos compartilávamos a vontade de fazer música africana diaspórica", conta Onome. Ele acredita que essa união pode trazer de volta coisas que parecem perdidas. "Estamos cada vez mais presentes e lutando muito por isso. Porque, para mim, essa música está se perdendo de alguma forma. Muitos gêneros fazem referência, como o caso do funk, afrobeat e highlife, mas os elementos africanos têm desaparecido", complementa. Todo o processo sem esquecer o motivo de tudo ter começado. "Um dos primeiros pontos nossos é que nós amamos a nossa cultura e a nossa música", pontua. "Preservar e continuar o que nós tentamos fazer", acrescenta. "Se houver uma forma de reconectar as pessoas com a música ou algo mais da própria história para poder manter esse legado vivo e ainda acrescentar a isso, esse é o maior presente que podemos dar para a nossa cultura", almeja o artista.

Brasil

Mesmo com uma curta carreira, com menos de cinco anos, o grupo tocou em palco recente no Sesc Jazz, com shows em São Paulo e Ribeirão Preto em outubro de 2022. A experiência no país encantou os músicos. "O Brasil tem uma cultura forte de música e danças. As pessoas realmente estão vivas quando ouvem, tocam ou aproveitam música. É uma nação muito diferente da Inglaterra, aqui nós temos que ganhar as pessoas, aí, se você for um bom músico, as pessoas já estão prontas para te ouvir", avalia Onome. Assim como muitos que já passaram por aqui, Kokoroko sentiu algo especial no público. "Na Nigéria, e no oeste da África como geral, temos uma forte relação com a música. Contudo no Brasil encontramos algo completamente novo e diferente. Foi fascinante para a banda", conta o percussionista. "Teve gente que chorou no nosso show, isso nunca tinha acontecido antes. As pessoas chegam com o coração realmente aberto e isso é a maior coisa que você pode esperar e receber como artista que sobe no palco para tocar música. É muito especial", complementa o artista. "Queremos voltar todo ano, trocar com músicos brasileiros para aprender e tocar mais e melhor. Estamos muito animados com o Brasil", finaliza.



Um dos primeiros pontos é que nós amamos a nossa cultura e a nossa música"

Onome Edgeworth,
integrante da banda Kokoroko



Vicky Grouz/Diáspora